



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Gabriela Bordini Costa  
Graduada em Letras – Uni-FACEF  
gabrielabordinicosta@gmail.com

Giovana Flávia Vieira  
Graduada em Letras – Uni-FACEF  
giovanavieira51@gmail.com

Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano  
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – Uni-FACEF  
anafurquim@yahoo.com

### Resumo

Em 2016, a edição 94 da Turma da Mônica Jovem trouxe a história “Dentuça, eu?”, cujo tema é o medo de Mônica em usar aparelho ortodôntico devido a uma forte dor de cabeça que pode ser motivada pelos seus incisivos proeminentes. Em determinada parte do enredo, Mônica não aguenta a pressão dos amigos sobre a decisão que deve tomar e lança a fala “Meu corpo, minhas regras! Podem discutir e debater até cansar, mas a decisão final é apenas minha!”. Como *marketing* promocional, a página oficial da Turma da Mônica Jovem publicou no Facebook, de maneira descontextualizada, a imagem em que Mônica diz o bordão. Diante disso, Olavo de Carvalho e outros inúmeros internautas comentaram sobre a postagem, alegando que aquele era um discurso que fazia apologia ao aborto. O objetivo do nosso trabalho, portanto, é analisar os possíveis discursos feministas presentes no gibi Turma da Mônica Jovem, em especial a edição n. 94 e as polêmicas criadas a partir de uma postagem de parte da história e, portanto, descontextualizada, feita por Olavo de Carvalho. Também intentamos compreender os valores sociais, ideologias e axiologias veiculadas na história e nos comentários dos internautas. Para tanto, buscamos responder aos seguintes questionamentos: Como se constitui a identidade feminina nos quadrinhos da Turma da Mônica Jovem? Quais são os valores sociais, ideologias e axiologias veiculadas nas HQs e nos comentários dos internautas a partir da polêmica provocada pela publicação no Facebook por Olavo de Carvalho? Como é a constituição do gênero HQs? Como as mídias sociais dialogam com discursos de maneira fragmentada e inadequada? Como os internautas leem as publicações em mídias sociais como Facebook, Twitter e/ou Instagram? Para tanto, o referencial teórico utilizado são as reflexões do Círculo de Bakhtin acerca dos conceitos de gêneros do discurso e ideologia, assim como seus comentadores como Faraco (2009) e (2013), Fiorin (2006), Machado (2016) e Miotello (2016). Sobre o gênero HQ, utilizamos os estudos de Mendonça (2005) e Ramos (2009) e acerca do gênero Mangá, os estudos de Carlos (2009). Sobre o feminismo, pautamo-nos nas pesquisas de Alves e Pitanguy (1895), Gomes e Sorj (2014), Heywood (2010) e Miguel (2014). Verificamos, assim, que um enunciado

descontextualizado pode conceber diversas interpretações e, dessa forma, dá margem para diferentes inferências dos internautas, o que causou a polêmica. “Meu corpo, minhas regras” é um enunciado que, nutrido de valores sociais e ideologias, de um lado, no discurso feminista, dá força para ser mulher e ampara os direitos do gênero, sendo expressão de liberdade corporal para a defesa do aborto, de outro lado, no contexto da história da Turma da Mônica Jovem, refere-se tão somente à decisão de colocar um aparelho ortodôntico.

**Palavras-chave:** Gêneros do discurso. Ideologia. HQ’s. Turma da Mônica Jovem. Empoderamento feminino.

### **Abstract**

In 2016, the 94<sup>th</sup> edition of Turma da Mônica Jovem brought the story “Dentuça, eu?”, whose theme is Monica’s fear of wearing orthodontic appliance because of a severe headache that could be caused by her prominent incisors. In a specific part of the storyline, Mônica can’t tolerate the pressure of her friends about the decision she must make and says “My body, my rules! You can discuss and argue until you get tired, but the final decision is only mine!”. As a trade marketing, Turma da Mônica Jovem official Facebook page published, out of context, the picture of the comic book’s part that Mônica says the catchphrase. In face of it, Olavo de Carvalho and many other Internet users commented on the post, claiming that that was a speech of abortion defense. The objective of this research, therefore, is to analyze possible feminist speeches in the comic book “Turma da Mônica Jovem”, specifically the 94<sup>th</sup> edition, and the controversy created by the post of a part of the story, out of the context, by Olavo de Carvalho. We also intend to comprehend the social values, ideologies and axiology transmitted in the story and in the Internet users’ comments. For this purpose, we seek to answer the following questions: How is the construction of feminine identity made on Turma da Mônica Jovem? What are the social values, ideologies and axiology transmitted in the story and in the Internet users’ comments, based on the controversy caused by the post on Facebook by Olavo de Carvalho? How is the formation of the comic book genre? How do the social medias dialogue with the speeches in a fragmented and inappropriate way? How do the Internet users read the posts in social medias like Facebook, Twitter and/or Instagram? Therefore, the theoretical reference used are the Bakhtin Circle reflections about the concept of discourse genres and ideology, as well as its commenters, such as Faraco (2009) and (2013), Fiorin (2006), Machado (2016) and Miotello (2016). About the comic book genre, we used the studies of Mendonça (2005) and Ramos (2009), and the studies of Carlos (2009) guided us about Manga genre. In relation to feminism, we used the researches of Alves and Pitanguy (1895), Gomes and Sorj (2014),



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Heywood (2010) and Miguel (2014). Hence, we verified that an out of context speech can conceive many interpretations, and, in this way, gives the opportunity to different inferences of the Internet users, which caused the controversy. “My body, my rules” is a speech that, in one hand, in the feminist speeches, gives power to be woman and support the genre rights, being body liberty expression for abortion defense. On the other hand, in the context of “Turma da Monica Jovem” story, the speech refers specifically to the decision of wearing an orthodontic appliance.

**Keywords:** Discourse genres. Ideology. Comic books. Turma da Mônica Jovem. Feminine Empowerment.

**Submissão:** 22/10/2019 **Aprovação:** 07/11/2019

## 1 Introdução

O feminismo é um movimento que aparece tanto socialmente, por grupos, como individualmente dentro de casa, no trabalho, enfim, em todos os lugares ocupados por mulheres que buscam reinventar as relações sociais em prol de uma valorização do feminino, na busca por igualdade de gênero, e de maneira a repensar e recriar a identidade de sexo não mais pautada por modelos hierarquizados, mas sim a partir da visão de que “feminino” e “masculino” sejam qualidades do ser humano em sua globalidade.

A luta feminista inicia-se a partir da luta pelo sufrágio feminino, ou seja, pelo direito ao voto, quando acreditava-se acabar com a discriminação e o preconceito de gênero. Posteriormente, a luta pelos direitos como cidadãs tornou-se algo maior: a busca por emancipação, já que até o início do século XXI as mulheres ainda eram legalmente dependentes dos homens.

Um das questões que envolvem a busca por liberdade são a liberdade e a igualdade sexual. Sendo assim, parte do movimento feminista defende o aborto como um direito reprodutivo, de autonomia, em que a mulher tem o controle da sua vida reprodutiva.

A “marcha das vadias” foi uma manifestação que correu por todo o mundo como modo de mostrar a autonomia da mulher sobre seu próprio corpo. Um dos bordões utilizados nessa manifestação foi “Meu corpo, minhas regras”, de maneira a afirmar veementemente que quem toma a decisão pelo seu próprio corpo são as mulheres.

Em 2016, a edição 94 da Turma da Mônica Jovem trouxe a história “Dentuça, eu?”, em que aborda o medo de Mônica em usar aparelho ortodôntico devido a uma forte dor de cabeça que pode ser motivada pelos incisivos proeminentes. Em determinada parte do enredo, Mônica não aguenta a pressão dos amigos sobre a decisão que deve tomar e lança a fala “**Meu** corpo, **minhas** regras! Podem discutir e debater até cansar, mas a decisão final é apenas **minha!**”

Ao publicar essa parte do quadrinho como *marketing* promocional na página oficial da Turma da Mônica Jovem no Facebook de maneira descontextualizada, Olavo de Carvalho compartilhou a imagem fazendo uma crítica e apontando que o uso da frase “Meu corpo, minhas regras” denotava apoio da Maurício de Sousa Produções à questão do aborto. Inúmeros internautas, após o comentário de Olavo, fizeram comentários negativos quanto à frase e pejorativos em relação a roteirista da história, Petra Leão.

Ao refletirmos sobre essa polêmica criada no ambiente virtual, levantamos alguns questionamentos que problematizaram o nosso trabalho: Como se constitui a identidade feminina nos quadrinhos da Turma da Mônica Jovem? Quais são os valores sociais, ideologias e axiologias veiculadas nas HQs e nos comentários dos internautas a partir da polêmica provocada pela publicação no Facebook por Olavo de Carvalho? Como é a constituição do gênero HQs? Como as mídias sociais dialogam com discursos de maneira fragmentada e inadequada? Como os internautas leem as publicações em mídias sociais como Facebook, Twitter e/ou Instagram?

Assim, chega-se ao problema de pesquisa que é compreender como são constituídos os discursos produzidos nas histórias da Turma da Mônica Jovem, em especial, a edição n. 94, e as polêmicas causadas por uma fragmentação da história, ocorrendo, dessa maneira, uma descontextualização e provocando discursos com valores sociais, ideologias e axiologias diversas e, muitas vezes, antagônicas.

Sob essa perspectiva, o objetivo do nosso trabalho é analisar os possíveis discursos feministas presentes na história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem e as polêmicas criadas a partir de uma postagem de parte da história e, portanto, descontextualizada, feita pelo denominado<sup>1</sup> filósofo Olavo de Carvalho em sua página do Facebook. Também intentamos compreender os valores sociais, ideologias e axiologias veiculadas na história e nos comentários dos internautas.

Para isso, a metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica das reflexões do Círculo de Bakhtin acerca dos conceitos de gêneros do discurso e ideologia, assim como seus comentadores como Faraco (2009) e (2013), Fiorin (2006), Machado (2016) e Miotello (2016).

Para tratar sobre o gênero HQ, utilizamos os estudos de Mendonça (2005) e Ramos (2009) e acerca do gênero mangá a pesquisa de Carlos (2009). Sobre o feminismo e a marcha das vadias, pautamo-nos em Alves e Pitanguy (1895), Gomes e Sorj (2014), Heywood (2010) e Miguel (2014).

Este trabalho foi desenvolvido em seis capítulos, incluindo a introdução e conclusão. Inicialmente, refletimos sobre aspectos teóricos, seja pela perspectiva bakhtiniana, seja pelas pesquisas sobre HQ's e feminismo. Em seguida, analisamos a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem e a polêmica causada pela expressão “Meu corpo, minhas regras”.

Dessa maneira, no segundo capítulo, abordamos e discutimos as

---

<sup>1</sup> Olavo de Carvalho não possui currículo lattes cadastrado no CNPQ.



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

reflexões do Círculo de Bakhtin com relação aos gêneros do discurso e ideologia, tendo em vista que, nas diferentes esferas da atividade humana, utilizamos gêneros que atendem às finalidades dessas esferas a partir da construção de enunciados que se atrelam ao contexto que remete a ideologias e valores sociais.

No terceiro capítulo, discutimos sobre as características das HQ's, seu estilo, temática e estrutura composicional, tendo em vista que as HQ's são um “hipergênero”, pois abriga vários subgêneros, como as tiras cômicas, as tiras seriadas e até mesmo o mangá, estilo de quadrinhos japoneses.

Em seguida, fazemos no quarto capítulo, uma discussão acerca das lutas e reivindicações do movimento feminista quanto à liberdade feminina, como cidadã ou como liberdade sexual sobre seu próprio corpo, além de apresentar a “marcha das vadias”, um protesto ao redor do mundo que reivindicava os direitos de autonomia sobre o próprio corpo por meio de bordões como “Meu corpo, minhas regras”.

Por fim, no quinto capítulo, analisamos a polêmica envolvendo a edição 94 da revista Turma da Mônica Jovem, bem como fazemos uma contextualização da história. Ao trazer a publicação de Olavo de Carvalho e os comentários dos internautas acerca do uso da frase “Meu corpo, minhas regras” pela protagonista Mônica, verificamos os discursos conservadores dos internautas e as refrações da realidade que ocorrem pela descontextualização do enunciado.

## 2 Gêneros do discurso, ideologia e dialogismo

Para a análise dos gêneros, toma-se, primeiramente, como base teórica, os estudos de Platão e Aristóteles. Antecedendo Aristóteles, Platão faz uma classificação binária: a epopeia e a tragédia pertencem ao gênero sério e a comédia e a sátira ao gênero burlesco. Posteriormente, Platão elabora uma tríade, ocasionada pela relação entre realidade e representação: gênero mimético ou dramático com a tragédia e a comédia; gênero expositivo ou narrativo com o ditirambo<sup>2</sup>, o nomo<sup>3</sup> e a poesia lírica e gênero misto com a epopeia.

Sendo a tríade a fundamentação para a *Poética*, de Aristóteles, classificam-se os gêneros observando um meio: a voz. A poesia de primeira voz representa a lírica; a épica pela poesia de segunda voz e o drama pela lírica de terceira voz. Teria continuado dessa forma se não fosse pelo surgimento da prosa comunicativa, pois, a partir dela, a análise passa a considerar as formas interativas realizadas pelo discurso, levando em conta o dialogismo.

A utilização da língua, na perspectiva do Círculo de Mikhail Bakhtin, relaciona-se com todas as esferas da atividade humana e realiza-se em forma de enunciados orais ou escritos, que dependem da relação com o outro. O conteúdo

<sup>2</sup> Poesia lírica que exprime entusiasmo ou delírio (DICIO, 2019).

<sup>3</sup> Melodia a que se atribuía na Antiguidade influência mágica ou simples eficiência ritual. Poema grego que se cantava em honra de Apolo (DICIO, 2019).

temático, o estilo e a construção composicional, juntamente com ideologias e valores sociais são participantes da formação do enunciado, presente nos gêneros do discurso, assim como afirma Bakhtin (2000, p. 279) “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera da utilização da língua, elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

Ademais, o gênero do discurso é uma forma do enunciado e, dependendo do gênero dado, recebe a expressividade típica. Certas experiências podem ser assimilação das palavras do outro para algumas obras, como exemplifica Bakhtin

A época, o meio social, o micromundo - o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas - que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apoiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração (BAKHTIN, 2000, p. 313).

Há diferença entre enunciado e oração, o primeiro é a unidade real da comunicação verbal e, em sua forma concreta, é gerador da fala, já a oração é a unidade da língua, ou seja, sons, palavras que representam um pensamento acabado e não tem capacidade de gerar uma resposta. Nos enunciados, podemos encontrar as unidades da língua, pois elas ajudam a constituir-lo, mas, mesmo assim, é possível interagir apenas por meio dos enunciados e não das unidades da língua.

As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua - palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal (BAKHTIN, 2000, p. 297).

Assim, em um discurso, o enunciado se relaciona com o enunciado de outro sujeito falante, ao passo que a oração nunca é marcada pela alternância de emissores. Dessa forma, compreendemos que os enunciados são dialógicos, não as orações, pois elas são unidades da língua, podendo ser aptas à repetição, ao passo que os enunciados são unidades reais de comunicação e são irrepetíveis, pois têm uma entonação e um contexto próprios.

Além disso, a oração é neutra, não comporta pontos expressivos, a não ser que se torne um enunciado concreto. Isso pode acontecer se a oração ou a palavra isolada for colocada em um contexto, ocasione uma resposta ou exista uma entonação no momento da fala, ou seja, “Se uma palavra isolada é proferida com uma entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado completo, realizado por uma única palavra [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 309).



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Dessa maneira, entendemos que, diferente das orações, os enunciados dependem de outros enunciados para existirem, ou seja, um enunciado se apoia em outro para que possamos problematizá-lo. O que importa é o momento em que se fala, levando em consideração o contexto do enunciado, não a construção linguística, pois a comunicação é obtida nos processos interativos. Assim, compreendemos que “é isso que confere ao gênero discursivo o caráter não de uma forma linguística, mas de uma forma enunciativa que depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que da própria palavra” (MACHADO, 2005, p.158).

Os gêneros discursivos incluem diálogos cotidianos e enunciações da vida artística, filosófica, pública, etc. Bakhtin os divide em primários e secundários. Os gêneros discursivos primários envolvem a comunicação cotidiana e os secundários se referem à comunicação pela escrita, como o romance, ensaios filosóficos, gêneros jornalísticos. Vale ressaltar que esses dois gêneros discursivos podem se misturar, ambos se alteram e se completam.

Os gêneros secundários, por exemplo, incorporam gêneros primários de todos os tipos e, dessa forma, ao se tornarem parte dos gêneros secundários, transformam-se e perdem a sua relação com a realidade que existe.

Os gêneros do discurso, sendo tipos relativamente estáveis de enunciado, possuem três elementos indissociáveis: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional que proporcionam uma correlação entre a vida social e a linguagem e, ainda, “constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera da ação” (FIORIN, 2016, p.69).

O conteúdo temático é o sentido que o gênero ocupa e não somente o assunto do texto. Dessa forma, podemos perceber, por exemplo, que o conteúdo temático de cartas de amor, são as relações amorosas. Pode haver diversos textos dentro de um determinado conteúdo temático, basta observar as relações dialógicas que o formam.

A construção composicional é a estruturação do texto, ou seja, a forma como o texto é estruturado. Conforme for o gênero, é necessário que tenha, em sua organização, elementos como espaço, tempo em que foi criado ou em que se passa a história, interlocução, etc.. Isso, por exemplo, está presente na carta, gênero que necessita de data, local e assinatura de quem a envia e para quem se destina.

O estilo refere-se à seleção de recursos linguísticos, isto é, recursos gramaticais, lexicais, fraseológicos e está em relação à imagem do interlocutor e da forma como imagina a compreensão responsiva ativa deste. Assim, entendemos que existem diversos estilos como, por exemplo, o oficial, que utiliza uma linguagem mais formal; estilo objetivo-neutro, que usa a “objetividade” e a “neutralidade” e há uma identificação entre o locutor e seu interlocutor; estilo familiar, em que se pode observar o interlocutor com interações mais informais, fora do âmbito formal e hierárquico em relação à linguagem; o estilo íntimo, em que podemos observar uma união entre os parceiros da comunicação, assim como nas cartas de amor que, normalmente, é mais privado.

Tendo a linguagem a propriedade de ser dialógica, suas relações não se baseiam apenas no diálogo face a face, mas também em todos os enunciados no processo de comunicação, pois sempre dependem do discurso de outro, nunca são formados sozinhos, como afirma Fiorin (2006, p.19), “por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”. Dessa forma, compreendemos que dialogismo são as relações de sentido estabelecidas entre dois enunciados.

O objeto de um enunciado está repleto de sentido, ideias, pontos de vista, e portanto, pode ser questionado, avaliado, categorizado, exaltado pelo discurso do outro. Outros discursos influenciam no objeto do enunciado.

[...] todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2006, p. 19).

O enunciado não existe fora das relações dialógicas, pois os diálogos se relacionam com outros discursos, sua dimensão é demarcada pela alternância dos falantes, sendo que a resposta do outro é permitida quando um enunciado acaba. O sujeito que enuncia algo em relação a outro enunciado está tomando uma posição acerca disso.

A resposta dada a certo enunciado é conhecida como a atitude responsiva ativa, e pode concordar ou discordar, completar, adaptar, etc. durante todo o processo de compreensão do discurso. Em certas ocasiões, o ouvinte elabora essa atitude já no início do discurso. Dessa forma, entendemos que

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290).

A resposta fônica não é a única que pode decorrer de um enunciado, a compreensão responsiva ativa pode realizar-se através de um ato (no caso de uma ordem dada), pode ser muda (como nos gêneros líricos) ou de compreensão retardada (em algum momento o sujeito encontrará uma resposta para um dado enunciado), ou seja, a compreensão responsiva ativa é a preparação de uma resposta. O ouvinte, tornando-se um locutor no momento da atitude responsiva ativa, utiliza de enunciados anteriores, pois, assim como afirma Bakhtin (2000, p.291) “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”.

As relações dialógicas podem ser polêmicas ou contratuais, e revelam as posições de cada sujeito. “Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso” (FIORIN, 2006, p.24).



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Sendo cotidianas ou sociais, as relações dialógicas não somente se dirigem a um destinatário imediato, mas também a um superdestinatário. O superdestinatário é uma entidade, podendo ser um grupo social, um partido, a igreja, a ciência. E assim, “na medida em que toda réplica, mesmo de uma conversação cotidiana, dirige-se a um superdestinatário, os enunciados são sociais” (FIORIN, 2006, p.27). Como dito anteriormente, todos os enunciados surgem a partir de outros enunciados.

Pela perspectiva do dialogismo, o gênero deve ser pensado dentro de um tempo e de um espaço, isto é, ligado à cultura e à memória criativa. Na memória criativa, estão inseridas conquistas, feitos significativos dentro da história e ações do homem em um determinado tempo e espaço. Este estudo é chamado por Bakhtin de “cronotopo”.

O cronotopo estuda as conexões entre o tempo e o espaço na literatura e, sendo o espaço social e o tempo histórico, os gêneros nunca morrem, eles se renovam e surgem de outras situações cronotópicas. Quando pensamos em Shakespeare, por exemplo, temos uma visão diferente da que o autor tinha de suas obras. Podemos analisar agora, a cultura em que a obra estava inserida e as diferenças que aquela cultura passou no decorrer do tempo.

Para compreender uma cultura alheia, é necessário dirigir a ela um olhar extraposto. Entende-se como olhar extraposto aquilo que é necessário se colocar em um ponto de vista exterior, por exemplo, se quisermos nos compreender melhor, temos que nos deslocar para nos enxergar de um diferente ponto de vista, algo externo a nós mesmos. Isso é o que acontece também com a linguagem, pois “[...] Bakhtin entende que uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem” (MACHADO, 2005, p.161).

A partir dessa ideia bakhtiniana, podemos refletir sobre uma outra perspectiva: a heteroglossia e a dialogia da linguagem, visto que os discursos podem interagir entre si, por exemplo, como já mencionado, os gêneros primários e os gêneros secundários podem se misturar.

Devido ao conhecimento que tivemos a partir da literatura, esse discurso pode conversar com gêneros diversos como filmes, programas de televisão e formatos de mídias digitais. Estes são gêneros do discurso da cultura prosaica que se relacionam com as necessidades culturais.

## 2.1 Ideologia: reflexo e refração da realidade

O conceito de Ideologia é fundamental dentro dos trabalhos e do pensamento do Círculo de Bakhtin. Miotello (2008) afirma que os membros do Círculo, apesar de distinguirem suas ideias e estudos acerca do problema da ideologia de perspectiva marxista, também aprofundaram outros pontos que Marx e Engels só tinham tocado, como a relação da infraestrutura<sup>4</sup> com a superestrutura<sup>5</sup>, a

<sup>4</sup> A Infraestrutura é a estrutura econômica da sociedade.

<sup>5</sup> A Superestrutura relaciona-se às ideias e pensamentos postulados pela infraestrutura, ou seja, são as esferas jurídicas, políticas, religiosas etc.

constituição e o papel dos signos linguísticos, da subjetividade da consciência, a peculiaridade da palavra literária, o característico da linguagem verbal e sua relação com outros sistemas sógnicos e a questão da caracterização da arte.

Faraco (2009) afirma que a palavra ideologia ocorre poucas vezes nos textos do filósofo. Nos trabalhos em que aparece, ideologia ocorre incidentalmente. Com frequência, aparecem palavras que se relacionam com o termo ideologia das seguintes maneiras: semântico e axiológico, verbo-ideológico (verbal e ideológico), socioideológico (social e ideológico), sociolinguístico (social e linguístico) e cultural-ideológico. Importante pontuar que a axiologia (elemento fundamental dos estudos bakhtinianos) atravessa toda sua obra, pois o filósofo se torna cada vez mais sociologizado e articulado à questão da linguagem à medida que seu pensamento avança no tempo. Sendo assim, a questão da axiologia passa da perspectiva da pessoa como centro, como ser singular que age responsiva e responsabilmente, para a perspectiva dos grupos sociais, da história e da cultura no centro.

Para Bakhtin, viver é sempre posicionar-se axiologicamente em meio às incontáveis posições axiológicas que existem socialmente em dada época, as quais estão verbalmente/semioticamente materializadas e são constituintes da forma interna do discurso. Assim, Bakhtin afirma que não existem e nem podem existir enunciados neutros, ou seja, qualquer enunciado remete sempre a um posicionamento axiológico, todo enunciado carrega uma entonação valorativa (FARACO, 2009, p. 172).

Bakhtin e Voloshinov (2002) afirmam que a ideologia é parte de uma realidade, seja natural ou social, refletindo e refratando uma outra realidade que lhe é exterior. Dessa maneira, tudo que é ideológico tem um significado e refere-se a algo que está fora de si. Aponta a construção ideológica como essencialmente semiótica, pois “[...] tudo que é ideológico é um signo” (BAKHTIN E VOLOSHINOV, 2002, p. 31), mostrando que o domínio dos signos e o ideológico são mutuamente correspondentes.

Bakhtin trata sobre o universo dos signos, que é o conjunto de signos de um determinado grupo social. Todo signo recebe, além da sua dupla materialidade físico-material e sócio-histórica, um “ponto de vista” ao representar a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando essa realidade como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, fazendo, desse modo, o signo coincidir com a ideologia, ou seja, todo signo é ideológico. O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são determinados sempre sócio-historicamente, sendo seu lugar de constituição e materialização a comunicação incessante que ocorre nos grupos organizados ao redor de todas as esferas de atividades humanas. Essa comunicação contínua ocorre na interação verbal, fazendo da linguagem o lugar da materialização da ideologia, ou seja, “a representação do mundo é melhor expressa por palavras, pois que não precisa de outro meio para ser produzida a não ser o próprio ser humano em presença de outro ser humano” (MIOTELLO, 2008, p.170).

Ideologia refere-se às representações que os diversos grupos sociais incorporam sobre o mundo, sendo um termo meramente descritivo, sem caráter negativo/pejorativo como já atribuíram Napoleão, Marx e Engels, ao conceberem a



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

ideologia como ilusão, falsas concepções da realidade. De acordo com Miotello (2008), não é cabível tratar a ideologia como uma falsa consciência, ou simplesmente a expressão de uma ideia, mas sim como expressão de uma certa tomada de posição.

A ideologia entra para o vocabulário bakhtiniano ligada à questão da linguagem, sendo assim, cada visão de mundo socioideológica, cada ponto de vista semântico e axiológico é materializado verbalmente/semioticamente, constituindo, assim, diversas vozes sociais, as quais são entendidas como composições verbo-ideológicas que formam a heteroglossia social de cada época. Dessa maneira, Bakhtin caracteriza como ideologicamente saturada toda e qualquer linguagem social, pois é próprio das linguagens sociais não somente representarem o mundo, mas também refratá-lo, sendo sempre representações refratadas do mundo (FARACO, 2009), ou seja, são compreensões da realidade de acordo com a dinâmica da história e do caráter múltiplo e heterogêneo das experiências dos grupos sociais.

Para estudar a ideologia, Bakhtin e o Círculo partem do conceito aceito pelo marxismo oficial, conceito o qual a entendia como uma “falsa consciência”, um disfarce e ocultamento da realidade social, escurecimento que levava a não percepção da existência de contradições nem de classes sociais, fomentada pelas classes dominantes e aplicada ao exercício legitimador do poder político e organizador da ação de dominar e manter o mundo como é. Porém, não concordam totalmente com essa definição, e assim, reconstróem parte dessa concepção (MIOTELLO, 2008).

Miotello (2008) comenta que a queixa inicial do Círculo à abordagem teórica marxista era que o estudo da ideologia não tinha sido colocado no lugar certo até aquele momento. Questionavam também que esse estudo era tratado de forma mecanicista, pois os teóricos marxistas – de acordo com Bakhtin e os integrantes do Círculo – procuravam estabelecer uma ligação direta entre acontecimentos nas estruturas socioeconômicas e sua influência nas superestruturas ideológicas. Além disso, Bakhtin e o Círculo combatiam a perspectiva que colocava ora a ideologia na consciência, ora como algo pronto, que vem da natureza ou é transcendental.

Essa perspectiva tradicional de análise da ideologia entende-a como subjetiva/interiorizada, uma ideia com lugar fixo na cabeça do homem, e como idealista/psicologizada, ou seja, a ideologia como uma ideia já pronta, com a qual somente é possível confrontar, e que também se desenvolve no interior dos indivíduos. Essa compreensão da ideologia não se sustenta, pois se mantém apenas na consciência (subjetiva/interiorizada), ela degenera e morre por carência de interação que a regenere; e não poderia ser compreendida como acontecimento vivo e dialógico caso fosse idealista/psicologizada (MIOTELLO, 2008).

Além disso, Bakhtin (2002) afirma que essa perspectiva trata o aspecto exterior do signo como um simples revestimento, um meio técnico de realização da compreensão, esquecendo-se de que a compreensão não pode manifestar-se senão por meio de um material semiótico, que o signo se opõe ao próprio signo, “[...] que a

própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos” (BAKHTIN, 2002, p. 33). Compreender um signo consiste em colocá-lo apreendido próximo a outros signos conhecidos, formando uma cadeia de compreensão ideológica única e contínua.

Miotello (2008) pontua que, desse modo, Bakhtin e o Círculo não trabalham a ideologia com algo pronto e estabelecido, ou que está apenas na consciência individual de cada ser, mas inserem a questão da ideologia no conjunto de todas as outras discussões filosóficas que são tratadas de forma dialética e concreta. O próprio Bakhtin alerta não aceitar ser medíocre dialeticamente e, por causa disso, constrói o conceito no movimento entre estabilidade e instabilidade, isto é, na concretude do acontecimento. Assim, coloca lado a lado a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano (MIOTELLO, 2008, p.168).

A ideologia oficial é compreendida como relativamente dominante, que busca implantar uma visão única de produção de mundo. Já a ideologia do cotidiano é considerada como aquela que surge e é construída nos encontros casuais e fortuitos, onde nascem os sistemas de referência, na proximidade social das condições de produção e reprodução da vida. Para Marx e Engels, o momento em que surge a ideologia é o instante em que a divisão social do trabalho divide o trabalho em duas categorias: trabalho manual e trabalho intelectual (MIOTELLO, 2008, p. 169).

A ideologia do cotidiano é constituída pela comunicação na vida diária. Bakhtin (2002) entende essa comunicação como extremamente rica e importante, pois está, ao mesmo tempo, vinculada aos processos de produção, infraestrutura e às múltiplas ideologias especializadas e formalizadas, superestrutura, a qual é concebida como sistema de referência que partilha sentido com toda a sociedade. Essa posição demonstra respeito extremo aos encontros causais e fortuitos, que acontecem no dia-a-dia e que são a base fundamental para que a ideologia encontre lugar propício para sua instalação.

Bakhtin e o Círculo, ao colocarem esses conjuntos ideológicos opostos frente a frente, uma vez que cada grupo específico estabelece um sistema de atribuição de ordem ao mundo, estabeleceram a relação dialética ocorrendo entre ambos concretamente (MIOTELLO, 2008). Por um lado, a ideologia oficial é posta como estrutura ou conteúdo, sendo relativamente estável; por outro, a ideologia do cotidiano posta como acontecimento, sendo relativamente instável. Desse modo, ambas formam o contexto ideológico único e completo, de maneira recíproca, sem esquecer o processo global de produção e reprodução social.

Para Bakhtin, o sujeito não é constituído somente pela ação discursiva, mas por todas as atividades humanas, até mesmo as mediadas pelo discurso, que ofereçam espaços de encontros de constituição da subjetividade, pela construção de sentidos. Desse modo, podemos dizer que a ideologia, pela perspectiva bakhtiniana, é “[...] a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (MIOTELLO, 2008, p. 171). Esse ponto de vista mostra uma compreensão diferente da exercida pela ideologia dominante, pois a superestrutura existe somente em jogo e relação constante com a infraestrutura e essa relação é estipulada e



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

intermediada pelos signos e pela própria capacidade de estar em todas as relações sociais, as quais, em cada uma dessas relações, os signos se revestem de sentidos próprios, produzidos para atender os interesses daquele determinado grupo. Nas sociedades em que há contradições de classe social, as ideologias assumem interesses distintos e contrastantes, ora reproduzindo a ordem social, ora discutindo e subvertendo as relações sociais.

Por esse viés, compreendemos que inexiste neutralidade dos discursos e das ideias, evidenciando que uma ideia é forte, significativa e verdadeira se sabe atingir aspectos cruciais da vida de dado grupo social, se consegue iluminar a posição fundamental deste ou daquele grupo na luta de classes. Sendo assim, as menores mudanças sociais refletem imediatamente na língua por meio das construções discursivas, posto que os sujeitos inscrevem nas palavras, nas entonações, nas valorações e nos comportamentos as mudanças sociais.

Nesse sentido, as palavras funcionam como agente e memória social, já que uma mesma palavra aparece em contextos diferentes. E por essa onipresença, essa capacidade de estar em contextos diversos, as palavras são constituídas de uma multidão de fios ideológicos, os quais são contraditórios entre si, pois estiveram e se construíram em todos os campos das relações e conflitos sociais. Desse modo, o signo verbal não pode ter somente um sentido, mas possui acentos ideológicos diferentes, pois nunca consegue retirar totalmente outras correntes ideológicas de si, de modo que as diversas vozes ecoam nos signos e coexistam neles contradições ideológico-sociais (MIOTELLO, 2008, p. 172).

Bakhtin e Voloshinov (2002) concluem que o material privilegiado da comunicação cotidiana é a palavra, domínio em que estão a conversação e suas formas discursivas, sendo um fenômeno ideológico por excelência, a maneira mais sensível, pura e neutra da relação social. A palavra é neutra, ao contrário do signo, por poder preencher qualquer função ideológica. Já o signo é criado a partir de uma função ideológica precisa e não se separa dela.

Visando que os encontros casuais e fortuitos, os quais constituem a ideologia do cotidiano, são acontecimentos extremamente dispersos e rotineiros dentro da comunicação social, Bakhtin/Voloshinov afirmam que a ideologia do cotidiano se organiza nas interações mais definidas e estáveis, com condições de estabelecer padrões, mesmo que mínimos, de estabilidade nos sentidos em circulação. Assim, fala-se de grupos organizados, como sindicatos, trabalhadores, estudantes, grupos religiosos, etc, que apostam seus valores nas interações (MIOTELLO, 2008, p. 173).

A ideologia, nascida nas interações sem padrão fixo, considerada instabilizada frente à ideologia oficial, inicia sua relação mais concreta com essa ideologia oficial, de maneira a infiltrar-se nas instituições ideológicas, como a imprensa e a literatura, e renová-las, ao mesmo tempo em que é renovada por elas. Nessa renovação, também está presente a refração da ideologia, posto que a classe dominante concede ao signo ideológico uma condição de intangível, imutável e supra classes sociais, divulgando um discurso de monovalência, constituindo, dessa

maneira, em forças centrípetas do discurso oficial. Ao apagar os sinais contraditórios que estão ocultos em todo signo ideológico, mantém-se a perpetuação da hegemonia da classe dominante.

Faraco (2009) afirma que Bakhtin reconhece a existência de jogos sociais de poder e conflitos discursivos decorrentes desses jogos, mas que ele não desenvolve nem oferece nenhuma teoria sobre como se dão essas relações de poder. Bakhtin, mesmo reconhecendo a existência desses jogos, não estabelece relação estreita entre as vozes sociais e as classes sociais. Também não ocorre em seus textos a proposição de nenhuma perspectiva de superação desses jogos de poder, não havendo nenhum ponto de “síntese dialética”, “superação definitiva das contradições”.

Já Voloshinov, de acordo com Faraco (2009), além de reconhecer a existência desses jogos de poder, estabelece explicitamente uma ligação estreita entre esses jogos e as classes sociais, falando em luta de classes e se aproximando do conceitual marxista. Voloshinov, ao estabelecer essa relação, descreve as divisões em classes sociais como decorrentes da estratificação socioaxiológica da linguagem, em que o signo se torna a arena onde a luta de classes se desenvolve. Apesar de abordar todas essas questões explicitamente, Voloshinov não conclui de maneira adequada a questão que propõe, ficando sem resolução a junção entre a teoria da refração e uma teoria acerca das divisões sociais em classes.

Desse modo, temos dois níveis diferentes de produção, homogeneização e de transmissão da ideologia: o nível da ideologia do cotidiano, em que nasce a ideologia e também onde as mudanças ocorrem de forma mais lenta já que os signos ideológicos estão diretamente ligados aos acontecimentos socioeconômicos, e a ideologia oficial, em que circulam os conteúdos ideológicos que já passaram por todas as fases da objetivação social e agora estão no poderoso sistema ideológico e já se encontram mais estabilizados. Visto que as contradições sociais regem os dois níveis da ideologia, a durabilidade da ideologia social não é maior que a da ideologia do cotidiano<sup>6</sup>.

Assim, a relação permanente entre esses níveis diferentes é o que faz com que todo o conjunto ideológico de uma certa sociedade seja um conjunto único e inseparável que permanece em constante movimento ao reagir sempre às transformações ocorridas nas esferas produtivas. Esse movimento encadeado, tanto na organização social como na comunicação interpessoal, faz com que a ideologia se renove e se constitua no contato contínuo com indivíduos socialmente organizados. A organização dos indivíduos é o que possibilita a existência de um sistema de signos, já que é condição absoluta para que a realidade seja construída como material significativo e como material ideológico. As relações de estrutura sociopolítica determinam as condições, tipos e formas de comunicação verbal possíveis em dado contexto. O estudo da ideologia, para Bakhtin e o Círculo deveria

---

<sup>6</sup> Tratam-se das forças centrípetas, centralizadoras, que buscam controlar/imobilizar os discursos a um plurilinguismo da realidade e, de outro lado, as forças centrífugas de dispersão e de oposição aos discursos oficiais que desconstroem a “única verdade aceita” na enunciação.



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

seguir a seguinte metodologia: a) não separar a ideologia da realidade material do signo; b) não dissociar o signo das formas concretas de comunicação; c) não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (FARACO, 2009).

Bakhtin discorre também sobre como ocorre a relação do indivíduo com a ideologia. No nível mais inferior da ideologia do cotidiano os fatores biográfico e biológico têm importância, e as reações do indivíduo ainda não são marcadas ideologicamente, pois as interações são totalmente superficiais e casuais. Entretanto, à medida que as interações vão repetindo padrões e se aprofundando, as enunciações começam a integrar o sistema ideológico, o qual se constitui permanentemente naquele grupo. Além disso, vão apresentando nos estratos superiores da ideologia do cotidiano os conteúdos sócio-culturais que já passaram pela prova de expressão externa, e as palavras, entonações, as representações e as enunciações se revelam completamente integrantes do sistema ideológico, realizadas pelo sistema social. Dessa maneira, o meio social envolve por inteiro o indivíduo, fazendo do sujeito uma função das forças sociais, sendo quebrado o eu individual e biográfico pela função do outro social (MIOTELLO, 2008, p. 175).

Miotello (2008) afirma que, é nesse sentido, que a ideologia é o sistema sempre atual de representação da realidade social e de mundo construído a partir de referências constituídas nas interações e trocas simbólicas dos grupos sociais organizados. Sendo assim, pode-se falar do modo de ser e de pensar de dado indivíduo ou grupo social organizado, de sua linha ideológica, posto que ela apresenta o núcleo central e relativamente estável da sua orientação social que resulta das contínuas interações sociais, as quais a todo momento se destroem e reconstróem os significados de mundo e dos sujeitos.

Retomando as questões sobre o signo já abordadas, a concepção da refração semiótica de Bakhtin, segundo Faraco (2009), assume que o processo de transmutação do mundo em matéria (linguagem) ocorre sempre atravessada pela refração das axiologias sociais, ou seja, de um posicionamento valorativo. É da condição humana que as relações humanas com o mundo sejam necessariamente mediadas semioticamente, entretanto não temos onisciência nem o poder de estar acima e desligados das nossas convicções materiais de existência. Sendo assim, é inevitável refratar, sendo nossas visões de mundo sempre e necessariamente construídas a partir de perspectivas diversas.

Na materialização ocorre então duas operações simultâneas nos signos: eles refratam e refletem o mundo. Desse modo, podemos indicar, com os signos, uma realidade externa para a materialidade do mundo, mas sempre de maneira refratada. Nesse caso, refratar não é somente descrever por meio dos signos, mas construir (sempre de acordo com o contexto sócio-histórico) diversas interpretações do mundo que vivemos (FARACO, 2009)

Essas diversas interpretações são os diferentes modos pelos quais o mundo é visto pelos grupos sociais. Como consequência da heterogeneidade das práxis humanas, os grupos sociais atribuem valores diferentes, e até mesmo contraditórios, aos entes e eventos, às ações e relações correntes nessa

heterogeneidade. É, desse modo, que a prática dos grupos sociais gera diferentes e diversos sentidos ao mundo, que se materializam e se entrecruzam no mesmo material semiótico.

Nessa ambiência, a refração é condição necessária ao signo dentro da concepção do Círculo, não sendo possível significar sem refratar. Isso porque as significações dos signos não são dadas no signo em si, mas são construídas na dinâmica da História e estão marcadas pelas diversas experiências dos grupos sociais, com seus inúmeros confrontos e contradições de valorações e interesses. Sendo assim, a refração é o modo como a diversidade e as contradições das experiências históricas dos diversos grupos sociais se firmam nos signos. Sendo essas experiências localizadas, heterogêneas e múltiplas, os signos são plurívocos, nunca podendo ser unívocos, pois essa é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas.

Essa plurivalência social que os signos têm, de acordo com Faraco (2009), é o que os torna vivos e móveis, dando dinamicidade ao universo das significações, na medida em que as várias verdades sociais se encontram e se confrontam no mesmo signo e no mesmo material semiótico. Esse material semiótico pode ser o mesmo, mas sua significação na concretude da enunciação, conforme a voz social em que se sustenta, será diferente.

A heteroglossia do signo é, ao mesmo tempo, um espaço de aproximações e conflitos de centralização e descentralização do discurso oficial e do não-oficial, ou seja, das forças centrípetas e centrífugas, respectivamente. Repleta de contradições e perpassada por elas, a heteroglossia do signo é uma heteroglossia dialogizada, em que ocorre o dialogismo entre as diferentes vozes e vontades sociais. Entretanto, as vontades sociais de poder tentarão sempre arrancar o movimento centrífugo por meio de gestos centrípetos, ou seja, tentarão impor suas verdades sociais como únicas, para tornar o signo monovalente, acabando com a dialogização da heteroglossia, entretanto existem sempre contrapontos que impedirão isso.

### 3 O gênero HQ

Há quem fale que as HQ's têm origem nas pinturas rupestres, as quais, de fato, foram utilizadas como recurso de comunicação por milênios e por diferentes civilizações, de maneira ligada ou não à linguagem verbal. Porém, as Histórias em Quadrinhos, como as conhecemos hoje, têm como precursores as histórias de Busch e Topffer, na Europa do século XIX. Ao fim do século XIX, com a publicação de *Yellow Kid* (Menino Amarelo), de Richard Outcalt, surgia, além do primeiro herói dos quadrinhos, uma inovação para o texto, que antes aparecia no rodapé do desenho, e a partir de então passou a aparecer junto ao personagem, para logo depois ser incorporada nos balões, como conhecemos hoje. Já no século XX, com a consolidação dos jornais, expandem-se e diversificam-se as HQ's (MENDONÇA, 2005).



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Os quadrinhos, pelos diferentes nomes que lhes são atribuídos, é um gênero complexo de ser categorizado. Sob a perspectiva dos estudos de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, é possível apreender o que é o gênero das HQ's de acordo com seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e seu estilo.

As HQ's têm, majoritariamente, uma temática voltada para o humor. Apesar de várias histórias em quadrinhos, como as *Graphic Novels*, abordarem temas mais pesados, sérios e, por vezes, obscuros, a grande maioria dos subgêneros que fazem parte desse gênero, como a charge, o cartum, a tira cômica, abordam uma temática de humor, de sátira.

Esse excesso de nomes dados aos subgêneros da HQ ocorre pelo desconhecimento das características das histórias em quadrinhos e de seus diversos gêneros. Ramos (2009) fala sobre a dificuldade que os diferentes nomes atribuídos a esse tipo de produção provocam na identificação dos gêneros ligados às histórias em quadrinhos, como tira, tira cômica, tira em quadrinhos etc.

Para Mendonça (2005), os quadrinhos são facilmente identificáveis pelo seu visual, por conta da singularidade dos quadros, dos balões e dos desenhos. Contudo, as HQ's mostram-se um gênero complexo pelo seu funcionamento discursivo, sendo difícil categorizá-las por conta dos múltiplos focos possíveis.

Segundo Mendonça (apud MARCUSCHI, 2000), um possível agrupamento dos gêneros é pelo discurso, indicando as circunstâncias da formação discursiva. Desse modo pode-se enquadrar as HQ's no discurso jornalístico, levando em conta somente o meio de circulação desse gênero. Entretanto, algumas HQ's encaixam-se no discurso literário, demonstrando dificuldades na caracterização. As *graphic novels* são exemplos de literatura em quadrinhos.

Na relação entre o verbal e o não-verbal, os quadrinhos mostram-se um material rico, pois texto e desenho desempenham papel principal na co-construção de sentido que caracteriza o processo de leitura. Entender como funciona essa parceria é uma das atividades linguístico-cognitivas realizadas pelos leitores de HQ's constantemente.

Há ainda que se refletir sobre as características dos quadrinhos, ou seja, ocorrências comuns a todos os subgêneros inseridos dentro do gênero dos quadrinhos, sendo essas tendências: diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; predominância da sequência ou tipo textual narrativo; a presença de personagens fixos ou não; a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, conforme o formato do gênero; o rótulo, o formato, o suporte e o veículo de publicação podem agregar informações que orientam a percepção do leitor sobre o gênero; tendência de uso de imagens desenhadas, mas também ocorre uso de fotos para compor as histórias.

Sendo assim, as histórias em quadrinhos unem as características apresentadas anteriormente, utilizadas em maior ou menor grau por diversos gêneros, com diferentes nomeações. Esses gêneros têm em comum o uso da linguagem dos quadrinhos para compor um texto narrativo inserido em um contexto sociolinguístico interacional. Os quadrinhos seriam, portanto, um hipergênero que

agregaria diversos outros gêneros, cada qual com suas peculiaridades. Entende-os como um rótulo que abriga vários gêneros, os quais compartilham a mesma linguagem em textos predominantemente narrativos.

Mendonça (2005) mostra que, quanto ao tipo textual, as HQ's e os outros gêneros pertencem ao tipo narrativo, pela predominância dessa sequência na maioria das vezes. Porém esses gêneros também possuem heterogeneidade tipológica, sendo apresentadas também nos quadrinhos sequências argumentativas ou mesmo injuntivas. Afirma que todos esses gêneros se realizam no meio escrito, tentando reproduzir a fala, normalmente as conversas informais, mas que sua concepção é de base escrita, pois os "guiões" (narrativas verbais que orientam o desenhista) antecedem a quadrinização, de modo semelhante aos roteiros de cinema.

A estrutura composicional dos quadrinhos traz uma narrativa em quadros com falas e diálogos aparecendo em balões, os quais simulam o discurso direto. Mendonça (2005) ressalta que, por ser uma narrativa em quadros, os quadrinhos são conhecidos com arte sequencial assim como o cinema e os desenhos animados, mas que nas HQ's ocorre uma seleção dos quadros a serem sequenciados.

O estilo, como já dito anteriormente, é a seleção de recursos linguísticos, gramaticais, lexicais e fraseológicos para a constituição do enunciado, existindo o estilo próprio do gênero e o estilo individual de cada enunciador. As HQ's possuem uma linguagem autônoma que, de acordo com Ramos (2009), utiliza-se de mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Apresentam e representam aspectos da oralidade, tentando reproduzir a fala, normalmente conversas informais, utilizando interjeições, reduções vocabulares etc (MENDONÇA, 2005). Além disso, há a utilização da linguagem visual com os desenhos ou também fotografias.

Desse modo, as HQ's são caracterizadas por Mendonça (2005) como um gênero icônico ou icônico verbal narrativo em que a progressão do tempo é organizada quadro a quadro, apresentando desenhos, quadros e os balões e/ou legendas, onde o texto verbal é inserido. Além disso, é um gênero composto por um ou mais quadrinhos com uma sequência narrativa, sendo essa sequência obrigatória, e contendo personagens fixos.

As histórias em quadrinhos caracterizam-se pelo espaço da ação estar no interior do quadrinho e pelo tempo da narrativa avançar pela comparação entre os quadrinhos ou pela condensação em uma única cena. O personagem pode ser visto e sua fala é lida em balões, simulando o discurso direto. Além disso, os quadrinhos representam aspectos da oralidade e juntam os principais elementos narrativos, apresentados com o auxílio de convenções que formam a linguagem dos quadrinhos (RAMOS, 2009).

Dentro desse grande rótulo que são as HQ's, estão inseridas as charges, os cartuns, as tiras cômicas, as tiras seriadas, as tiras cômicas seriadas e as várias maneiras de produção das histórias em quadrinhos. Mendonça (2005), afirma que as HQ's podem se situar numa verdadeira "constelação" de gêneros



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

icônico-visuais ou não-verbais. Dessa maneira, cada subgênero pertencente ao hipergênero das HQ's tem suas características próprias. As tiras e todos os seus tipos, as próprias HQ's e os Mangás, estilo de HQ's japonesas, apresentam estilos diferentes.

As tiras são um subtipo de HQ, sendo mais curta tendo até quatro quadrinhos e, por isso, tem um caráter sintético (MENDONÇA, 2005). Podem ocorrer em sequências, como uma espécie de capítulos de uma narrativa maior, ou fechadas, como um episódio por dia. Trazem como temática o humor e a sátira à política e à economia do país, porém não são temporais e datadas como as charges. Mendonça (2005) classifica as tiras em tiras-piadas e tiras-episódio. Já Ramos (2009) classifica as tiras em tiras cômicas, seriadas e cômicas seriadas.

A tira cômica é a mais difundida, sendo vista como sinônimo de tira. É o tipo de quadrinho que predomina nos jornais brasileiros e na maioria dos países. A principal característica desse gênero, de acordo com Ramos (2009) é a temática atrelada ao humor. Mas existem outras, por tratar-se de um texto curto - por conta da restrição do formato retangular, que é fixo - ocorrendo em um ou mais quadrinhos, tendo personagens fixos ou não criando uma narrativa com conclusão inesperada. Esse gênero utiliza estratégias textuais semelhantes a das piadas para causar humor. A ligação entre piada e tira cômica é tão forte que se torna um misto da piada com os quadrinhos. Por isso, muitos a nomeiam como sendo inteiramente piada.

As tiras seriadas, também chamadas de tiras de aventuras, são concentradas numa história narrada em partes. É parecido o que ocorre nas telenovelas. Para Ramos (2009), cada tira traz diariamente um capítulo que faz parte de uma trama maior. Caso as tiras sejam postas e acompanhadas em sequência, atuam como uma história em quadrinhos longa. É muito comum que essas tiras soltas sejam reunidas posteriormente na forma de livros ou revistas.

Sobre a tira cômica seriada, situa-se na fronteira que separa tira cômica e tira seriada. É um texto que utiliza elementos próprios às tiras cômicas, mas, ao mesmo tempo, é história produzida em capítulos, assim como nas tiras de aventura. Assim como na tira seriada, produzida em sequência, em livro ou revista, também pode ser lida como uma história em quadrinhos longa.

As HQ's, assim como os cartuns, são compostos por um ou mais quadrinhos e têm uma sequência narrativa, sendo essa sequência obrigatória para as HQ's. Além disso, as HQ's contam com personagens fixos (MENDONÇA, 2005).

O mangá é a arte sequencial japonesa, caracterizado pelas histórias virem principalmente em revistas, chamadas de Mangashi, em preto e branco, em papel de qualidade baixa, variando entre 200 a 500 páginas, organizadas em séries, as quais variam entre 15 a 20 exemplares (CARLOS, 2009). A leitura ocorre de modo diferente da ocidental, começando a partir do que para nós seria a o final e a sequência dos quadros e balões começam da direita para a esquerda. Uma das singularidades desse tipo de quadrinhos é a sua organização quanto a faixa etária, dividido em Shogaku para crianças entre 6 a 11 anos, cuja temática é educativa,

Shounen para meninos entre 12 a 17 anos, em que os enredos são voltados para esportes, violência e sexo, Shoujo para meninas nessa mesma faixa etária, com temáticas mais românticas e Seinen e Redikomi/Josei, respectivamente, para homens e mulheres adultos, com temáticas mais maduras.

#### 4 Feminismo

O movimento feminista quebrou com os modelos políticos tradicionais que concedem uma neutralidade ao espaço individual. Aponta, dessa forma, os vínculos entre a organização política e as relações interpessoais. Essas relações interpessoais apresentam um elemento de poder e hierarquia como, por exemplo, homens *versus* mulheres, pais *versus* filhos, brancos *versus* negros, entre outros. Sendo assim, o feminismo busca, enquanto movimento, superar os modelos tradicionais intervindos pela desigualdade e pelo autoritarismo.

O feminismo não é uma organização entre todas as mulheres em um formato centralizado, com uma disciplina específica, mas, assim como afirmam Alves e Pitanguy (1985, p.8), “caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas diferentes frentes, assim como em grupos pequenos, onde se expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade”. As trocas de experiências são válidas, pois são efeitos das práticas e do conhecimento feminino.

A real organização se apresenta nos grupos feministas que impulsionam debates, grupos de apoio, palestras, pesquisas, cursos, entre outras formas de manifestação sobre o movimento. Além de ser apresentado publicamente por meio dessas ações, o feminismo também aparece em ambientes mais individuais, como em casa, no trabalho, em diversos lugares onde as mulheres procuram reinventar as relações sociais, em uma visão a qual o *feminino* seja valorizado. Dessa forma, o movimento feminista vai além, propõe a igualdade de gênero e, ainda,

[...] busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc (ALVES; PITANGUY, 1985, p..9).

Assim, o movimento feminista pretende provar que as mulheres não são “o sexo frágil”, que elas devem ter os mesmos direitos que os homens, em diferentes fatores.



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Um dos marcos iniciais do movimento feminista foi a luta pelo sufrágio feminino. Acreditava-se que, se as mulheres conseguissem o direito ao voto, a discriminação e o preconceito de gênero desapareceriam. O sufrágio feminino foi conquistado primeiramente na Nova Zelândia, em 1893. Posteriormente, a luta pelos direitos como cidadãs mudou para algo maior: as mulheres buscavam uma emancipação, ou seja, almejavam ser independentes dos homens. Assim, o feminismo, no início da década de 1970, tornou-se uma ideologia específica e estabelecida.

O feminismo conseguiu estabelecer o gênero e as perspectivas de gêneros como temas importantes em várias disciplinas acadêmicas e aumentou a consciência acerca dos problemas de gênero da vida pública em geral. Na década de 1990, já existiam organizações feministas em todos os países ocidentais e na maior parte do mundo em desenvolvimento (HEYWOOD, 2010, p.23).

A relação do feminismo com a política gera um certo conflito, pois pelas ideias tradicionais daquilo que é político, a vida pública se relaciona com a política, mas a vida privada não. Assim como afirma Heywood (2010),

A política sempre foi entendida como uma atividade que se desenrola na “esfera pública” de instituições governamentais, de partidos políticos, de grupos de pressão e do debate público. Já a vida familiar e as relações pessoais costumam ser consideradas parte da “esfera privada” e, portanto, “não políticas” (HEYWOOD, 2010, p.25).

É defendido pelas feministas que qualquer esfera, seja pública ou privada, em todos os grupos sociais, precisa se relacionar com as questões políticas, pois, pela desigualdade social, somente o homem tinha ligação com essas questões. “Conforme a tradição, a esfera pública da vida, que abrange a política, o trabalho, as artes e a literatura, sempre foi prerrogativa do homem, enquanto a mulher ficava limitada a uma existência essencialmente privada [...]” (HEYWOOD, 2010, p.25). Nesse caso, se a política se relaciona somente com a esfera pública, a igualdade de gênero e o papel da mulher não têm importância política. Dessa maneira, sendo a mulher esposa e mãe e tendo um papel privado, ela se encontra excluída da política. Mediante a isso, grupos feministas buscam separar a ideia de “homem público” e “mulher particular”.

Entretanto, para algumas feministas, romper com a divisão entre público e privado pode incumbir as responsabilidades da vida cotidiana para órgãos públicos, o que deveria ser uma decisão particular, como por exemplo, em relação à educação.

A trajetória do feminismo e da política nos leva a uma outra vertente, a questão do aborto. O debate sobre o aborto, de acordo com Miguel e Biroli (2014), pode ser mostrado tanto individual e pessoalmente quanto politicamente. As teorias feministas defendem o aborto como um direito reprodutivo ou autonomia reprodutiva

das mulheres, ou seja, o controle das mulheres sobre sua vida reprodutiva. Sendo assim, anticoncepcionais e aborto são vistos como indispensáveis para que a maternidade não ocorra.

O direito ao aborto contrasta com a idealização da maternidade, acaba com a ideia de que ser mãe é uma tendência natural e um desejo de todas as mulheres. Além disso, um fato destacado entre as feministas é que, sem o controle sobre a reprodução, a atuação profissional e política da mulher dificilmente irá igualar com a dos homens.

Há um segundo âmbito entre as feministas quanto ao aborto que é a defesa da liberdade sexual. Para Miguel e Biroli (2014), são diferentes as consequências de uma gravidez indesejada para homens e para mulheres, segundo ela

[...] é diferente para elas e eles também pelas convenções que atribuem a responsabilidade prioritária ou exclusiva para filhos às mulheres, ainda que as leis determinem que os pais sejam responsáveis por parte do sustento material das crianças e, em alguns casos, existam subsídios estatais. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.124).

Ainda sobre a igualdade sexual, Miguel e Biroli (2014) falam sobre o controle e as consequências das relações sexuais, que poderiam ser desencadeadoras de vidas sexuais mais prazerosas e menos definidas pelos interesses masculinos. Miguel e Biroli (2014, p.124) ainda afirmam que “O enfoque no direito a decidir sobre o aborto deixaria de lado um problema anterior, a ausência de autonomia das mulheres nas relações sexuais com homens, em sociedades machistas.”. Dessa forma, mediante à desigualdade de gênero, haveria uma possível agressividade masculina já que as mulheres não poderiam opinar sobre nada no momento da relação.

Em contrapartida, temos o debate “pró-vida” em um âmbito religioso que se posiciona contra o aborto, vinculado, principalmente, à Igreja Católica. Esse debate destaca a importância da vida do feto de uma visão religiosa. Entretanto, isso não é relevante para as feministas, já que “um feto não tem interesses próprios antes de ter uma vida mental” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.126). As feministas, em sua maioria, tratam do direito à vida de maneira neutra, com base em suas necessidades e sobre o contexto em que a gravidez ocorre.

Além disso, no âmbito “pró-escolha” do feminismo, é defendido o direito da mulher escolher o que ocorre no próprio corpo, levando em consideração primeiramente que não pode haver nenhum contato com o corpo do indivíduo sem que exista seu consentimento, posteriormente, a decisão unicamente da mulher sobre manter a gravidez, nutrir e sustentar o bebê e, finalmente, o direito da escolha do aborto ser consentido pelo Estado por meio de políticas públicas.

Em um outro panorama do movimento feminista, existiu um protesto conhecido como “a marcha das vadias” que teve início em Toronto, Canadá, no ano de 2011, em resposta a um caso em que um policial declara que as mulheres evitariam ser estupradas se não se vestissem como vadias. Esse protesto se

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

expandiu para diversas cidades ao redor do mundo e, nele, o corpo é o principal meio de reivindicação, ou seja, representação de que as mulheres têm autonomia sobre seus próprios corpos. As feministas que participaram da manifestação, utilizaram bordões como “meu corpo, minhas regras”, “meu corpo não é um convite”, entre outros.

**Figura 1:** Marcha das vadias Toronto



Fonte: Daily Maverick, 2019, online

**Figura 2:** Marcha das vadias Brasil



Fonte: Medium, 2019, online

Com isso, nessa e em outras ocasiões, esses bordões são utilizados como expressão de liberdade corporal, mostrando que o que ocorre com o corpo do indivíduo diz respeito somente a ele em qualquer situação. Por isso, nessa perspectiva, qualquer contato corporal apenas pode existir com a permissão da pessoa.

## 5 A construção discursiva da Turma da Mônica Jovem

A Mauricio de Sousa Produções, na intenção de atrair e manter um diálogo mais próximo com o público jovem, iniciou em agosto de 2008 a publicação das revistas mensais de uma nova versão da Turma da Mônica, a Turma da Mônica Jovem. Essa nova versão traz uma releitura das personagens clássicas de Mauricio de Sousa (Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão), e toda a turma, em versão adolescente e com traços e linguagem que remetem ao estilo dos Mangás, as HQ's japonesas (WIKIPÉDIA, 2019)<sup>7</sup>.

As histórias dessa série ocorrem sete anos à frente das histórias da turminha clássica, mostrando uma concepção de futuro das personagens, agora com idades por volta dos 15, 16 anos. Vivendo no mesmo Bairro do Limoeiro, eles devem, além de lidar com as aventuras atípicas de viagens espaciais, enfrentamento de vilões e até de corporações, devem ocupar-se também com as obrigações do colégio, os dilemas, dramas da adolescência e as confusões amorosas pelas quais todo jovem passa.

Apesar de serem os mesmos personagens clássicos, os quatro protagonistas são apresentados com algumas mudanças. As páginas 2 e 3 da primeira edição apresentam os quatro amigos em sua nova versão. Primeiramente, a líder da turma, Mônica, é descrita como:

---

<sup>7</sup> Por falta de um site oficial com informações sobre a Turma da Mônica Jovem, as informações acima foram retiradas do site Wikipédia.

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

A Mônica cresceu, mas continua meiga, alegre e um pouco dentucinha. Ainda é a líder da Turma, não só pelo seu caráter forte, mas também por sua personalidade cativante e verdadeira, mostrando-se uma menina super segura e madura. Romântica incorrigível, ainda tem, desde a infância, uma quedinha por um amigo que costumava trocar uma letra (TURMA DA MÔNICA, 2008, p. 2).

Em seguida, há a descrição de seu amigo (e par romântico), Cebolinha, agora chamado de Cebola e, no lugar dos cinco fios de cabelo, cresceram cinco mechas:

Cebolinha agora prefere ser chamado simplesmente de “Cebola”. Continua um garoto esperto e muito inteligente. O cabelo finalmente cresceu, mas mantém a velha forma, com mais cabelos. Ser dono da rua é coisa do passado e hoje ele quer conquistar o mundo com seus projetos e planos para um planeta melhor. Não troca mais os “erres” pelos “eles”, pois fez um tratamento para sua dislalia, se bem que de vez em quando dá seus escorregões, principalmente na frente de meninas e... de uma em especial... (TURMA DA MÔNICA, 2008, p. 2).

Cascão, que agora pratica esportes radicais e toma banho, é descrito da seguinte maneira:

Cascão é o “cara”. É um garoto muito descolado, que adora praticar esportes... Quanto mais radical, melhor. *Skate* é um dos seus preferidos, junto com a moda *street* que ele adotou. Banho? Sim, os tempos são outros, ele toma, apesar de continuar não gostando muito. é que hoje em dia a opinião das garotas parece surtir mais efeito na cabeça dele, mas o seu lado bagunceiro ainda fala mais alto, para desespero da sua mãe (TURMA DA MÔNICA, 2008, p. 2).

Por fim, Magali, comilona e a melhor amiga de Mônica, é apresentada agora com novos hábitos alimentares:

Magali ainda é a menina meiga e delicada que conhecemos, mas uma coisa mudou: a sua forma de comer. Gulosinha? Sim, mas agora ela cuida bem mais do corpo, preocupando-se com a alimentação, praticando esportes e dando graças por não engordar facilmente. Continua aquela amiga supercarinhosa que adora gatos, para desespero do seu pai, já que a família de felinos na casa aumentou depois que Mingau se casou com Aveia (TURMA DA MÔNICA, 2008, p.3).

Com publicações mensais, como já dito, as edições podem trazer histórias completas ou arcos de duas a quatro edições. Como segue ao estilo Mangá, as histórias são publicadas em preto e branco e a tiragem em séries, já que em dezembro de 2016, após atingir a centésima edição, foi reiniciada a numeração da Turma da Mônica Jovem, dividindo-a em duas séries. Porém, apesar de seguir ao

estilo Mangá, não segue o sentido oriental de leitura, característica marcante do estilo.

### 5.1 Dentuça, eu?

Na edição 94 da primeira série da Turma da Mônica Jovem, intitulada “Dentuça, eu?”, nos deparamos com Mônica sentindo constantes dores de cabeça. A edição é dividida em cinco partes, sendo “Verdade ou amizade” a primeira parte, “Incisivos proeminentes” a segunda, “O duelo” a terceira, “#TimeCebola #TimeDC” a quarta, e “Início do fim” a quinta.

Na primeira parte, Mônica e seus amigos estão no cinema assistindo a um filme de super-heróis e saem de lá com opiniões divididas. Mônica se mostra muito irritada com seu namorado Do Contra e diz que é tudo por causa da enxaqueca, que não passa há muitos dias. A garota explica que seus pais a levaram a vários médicos e foram feitos diversos exames, mas que nenhum deles pôde dizer o que era. Entretanto, os pais de Mônica têm uma teoria que os seus dentes poderiam ser a causa da enxaqueca, o que deixa Mônica muito assustada. Ela conta que tem medo de que o dentista lhe diga que precisa colocar aparelho dentário para arrumar os seus incisivos proeminentes, pois eles são sua “marca registrada” e que não se vê sem eles. Do Contra a apoia e diz que também os adora.

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Figura 3 – Dor de cabeça



Fonte:TMJ, 2019, p. 22

Figura 4 – Exame



Fonte:TMJ, 2019, p. 23

**Figura 5 – Marcar com o dentista**



Fonte: TMJ, 2019, p. 26

**Figura 6 – Dentes errados**



Fonte: TMJ, 2019, p. 27

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Figura 7 – Distúrbio dentário



Fonte: TMJ, 2019, p. 28

Figura 8 – Marca registrada



Fonte: TMJ, 2019, p. 29

Em sequência, na segunda parte, Mônica vai ao dentista e, sabendo de sua enxaqueca e do típico caso dos incisivos proeminentes, o dentista pergunta se ela já pensou em usar aparelho ortodôntico, mas Mônica não consegue prosseguir

com o assunto e sai correndo do consultório. A garota decide se encontrar com sua amiga Magali e com Do Contra para contar sobre o ocorrido. Magali, pensando no bem estar de Mônica e na melhora de sua aparência, apoia a ideia de colocar o aparelho, o que deixa a garota mais irritada e sentindo mais dor, mas Do Contra ainda acha que não é uma boa ideia, alegando que gosta de Mônica por ser do jeito que ela é.

**Figura 9 – Aparelho dental**



**Fonte:** TMJ, 2019, p. 42

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

Em “O duelo”, Do Contra e Mônica estão em um passeio, quando Cebola aparece, a pedido de Magali, para questionar a decisão de Mônica de não colocar aparelho nos dentes. Cebola e Do Contra discutem e ambos tentam convencer a jovem apresentando seus argumentos para colocar ou não colocar o aparelho dentário, com isso, Mônica se irrita com a situação e procura ficar sozinha. Cebola planeja um de seus “planos infalíveis” para convencer Mônica de que ela precisa colocar o aparelho, mandando uma mensagem para sua amiga Denise e pedindo sua ajuda.

Na parte 4, Mônica acorda de um pesadelo no qual os seus dentes estão normais. No sonho, muitas pessoas admiram sua beleza, mas Cebola não a reconhece e, assim, ela acorda. Quando pega o seu celular, Mônica percebe que está sendo mencionada em diversos comentários em uma rede social. Denise havia postado, para todos verem, a situação de Mônica e criou uma competição entre “time Cebola”, que defende que a garota deve colocar aparelho ortodôntico e “time DC”, em apoio a Do Contra, que diz que a jovem deve permanecer como está. Muitas pessoas comentam suas opiniões e Mônica fica triste com a situação. Ao chega à escola, as pessoas ainda estão comentando, inclusive o professor. Sem aguentar mais a situação, Mônica expõe sua raiva e, dessa forma, diz que essa não é uma situação de lados de times, que isso é sobre sua vida e que não são eles que devem decidir por ela. Com isso, ela diz “Meu corpo, minhas regras! Podem discutir e debater até cansar...mas a decisão final é apenas minha! Eu não aceito ser pressionada!”, como podemos verificar nas figuras a seguir:

**Figura 10 – Calem a boca**



Fonte: TMJ, 2019, p. 91

**Figura 11 - Meu corpo, minhas regras**



Fonte: TMJ, 2019, p. 92

Na quinta e última parte, Mônica está saindo da escola com Do Contra e ele confessa que está namorando-a por conta de sua peculiaridade física. Mônica fica triste e explica que não são os dentes que a fazem ser como ela é e sim a sua personalidade. Mônica vai embora e encontra com Cebola na rua, acompanhado de uma garota que usa aparelho dentário. A jovem entende naquele momento que Cebola estava querendo deixá-la com ciúmes, mas diz que não funcionou. Após uma discussão, Cebola explica que sempre perturbou Mônica, pois sempre gostou dela e que fazia aquilo para chamar atenção e também diz querer que Mônica coloque aparelho ortodôntico, pois se importa com ela e para que a jovem se sinta melhor, pois, em alguns casos mais sérios, o problema nos dentes pode ser fatal. Mônica entende e agradece a preocupação de Cebola.

Em sequência, a garota retorna ao dentista conformada com o aparelho dentário, porém o dentista revela que o que está causando a enxaqueca em Mônica são os dentes do siso que precisarão ser extraídos. Por fim, após extrair

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

os dentes, Mônica se reúne com seus amigos para tomar sorvete, mas acaba por não convidar o namorado.

**Figura 12 – Retorno ao dentista**



Fonte: TMJ, 2019, p. 121

**Figura 13 – Dentes do siso**



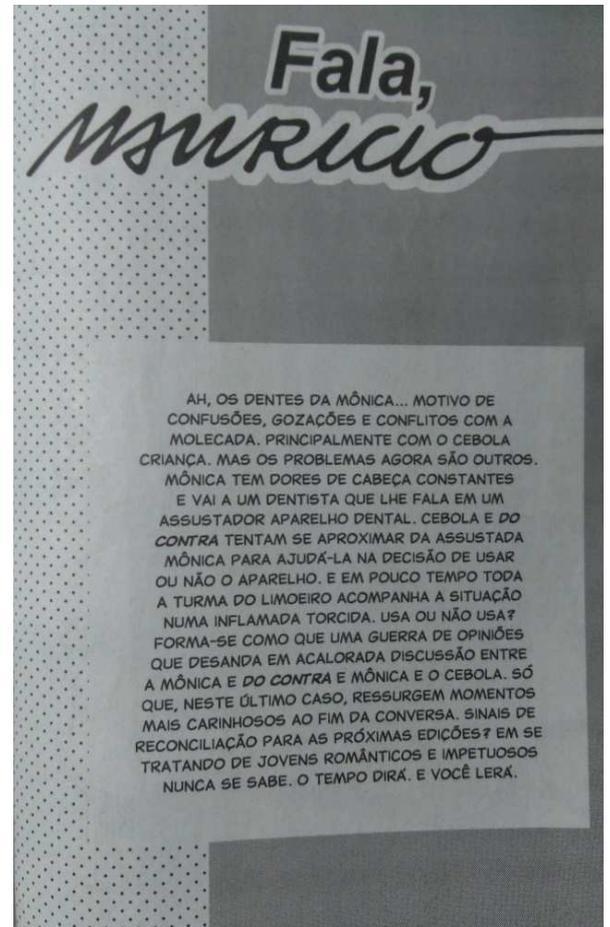
Fonte: TMJ, 2019, p. 122

**Figura 14-** Após a extração



Fonte: TMJ, 2019, p. 122

**Figura 15 -** Fala, Maurício



Fonte: TMJ, 2019, p. 125

Ao final da história, em todas as edições, há uma sessão chamada “Fala, Maurício”, em que Maurício de Sousa comenta sobre a história e o tema trabalhado durante a edição. Sobre a história “Dentuça, eu?”, o criador da Turma da Mônica comenta acerca dos dentes da Mônica, que sempre foram motivo de gozação por serem diferentes, mas que agora trazem outros problemas, criando uma guerra de opiniões e a dúvida “Usa ou não usa?”.

Ao analisar as imagens, é possível verificar que, ao longo da história, há a construção de um discurso de empoderamento da protagonista pois, por meio das falas e das atitudes, Mônica revela a aceitação do próprio corpo. É pelo enunciado “Meu corpo, minhas regras” que a personagem enfatiza toda a

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

construção de seu discurso, afirmando que a decisão sobre seu próprio corpo vem somente dela mesma e não há sujeito externo que possa interferir em suas decisões, seu corpo. A característica física, sempre apontada de forma pejorativa, agora é sua identidade, como a personagem mesmo aponta no último quadrinho da imagem 9, ao mostrar que sempre caminhou com essa característica e ela a identifica. Assim, a protagonista não somente se aceita, mas também se orgulha de quem é.

Mônica é definida como dentuça desde o seu surgimento como personagem. Nessa edição há não somente a construção de um discurso, mas a continuação do discurso da personagem, um discurso feminista, de força feminina, de empoderamento e de auto aceitação.

## 5.2 A polêmica

Em uma publicação da página oficial da Turma da Mônica Jovem no Facebook, com o intuito de promover a edição 94 da revista, os responsáveis pela página colocaram a imagem retirada de contexto, de uma das partes na qual Mônica, irritada com os seus amigos, diz o famoso bordão “Meu corpo, minhas regras”.

**Figura 16-** Publicação da página oficial da Turma da Mônica Jovem



Fonte: Facebook, 2019

Isso gerou uma grande polêmica envolvendo a roteirista da edição Petra Leão, os leitores, os internautas e Olavo de Carvalho que, sem saber o contexto da fala, publicou a mesma imagem com um longo comentário sobre o caso. No comentário, Carvalho afirma que esse é um discurso abortista e, ainda, que isso é o que os comunistas fazem.

**Figura 17-** Publicação de Olavo de Carvalho



**Fonte:** Facebook, 2019

Vários veículos de notícias online publicaram sobre a polêmica. Os sites do *Jornal Extra*, da *Folha de S. Paulo* e o *Huffpost Brasil* abordaram e explicaram o caso, mostrando que a foto foi tirada de contexto, os comentários negativos dos internautas sobre a frase, a contextualização por parte da página oficial da revista e explicações da própria roteirista Petra Leão. Vale ressaltar que o site do *Jornal Extra*, por engano, nomeia Olavo de Carvalho como filósofo Osvaldo de Carvalho.

Como já dito, assim como Olavo de Carvalho, muitos internautas entenderam que a roteirista utilizou a personagem Mônica para fazer apologia ao aborto e fizeram uma série de comentários machistas sobre o assunto,

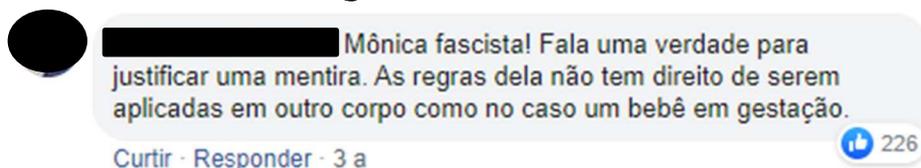
[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

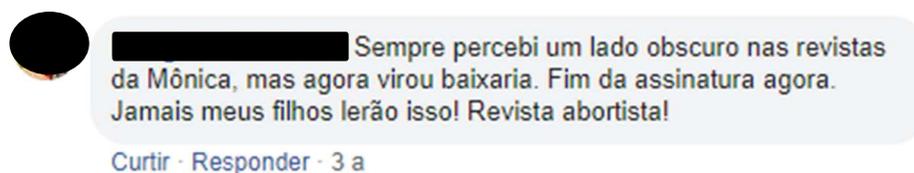
principalmente pelo fato da roteirista ser mulher. Seguem imagens dos comentários feitos na postagem da página oficial:

#### Figura 18- Comentário 1



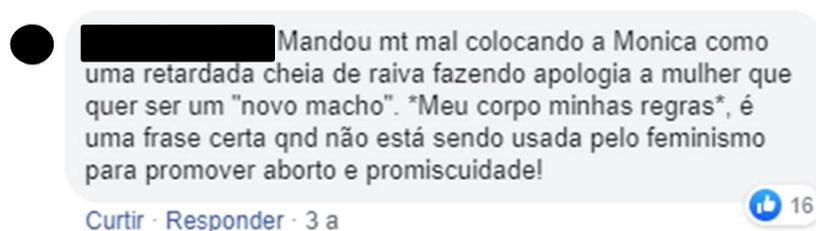
Fonte: Facebook, 2019.

#### Figura 19- Comentário 2



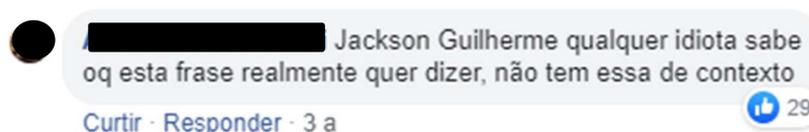
Fonte: Facebook, 2019.

#### Figura 20- Comentário 3



Fonte: Facebook, 2019.

#### Figura 21- Comentário 4



Fonte: Facebook, 2019.

Ao analisarmos os comentários, percebemos que os internautas, mesmo com apoio do contexto da história, acabaram inferindo e supondo a intenção de uso da frase “Meu corpo, minhas regras”. Essa inferência ocorre, pois há a refração de uma axiologia social, ou seja, um posicionamento valorativo para com o signo. A refração é inevitável, visto que as visões de mundo são construídas a partir de perspectivas diferentes.

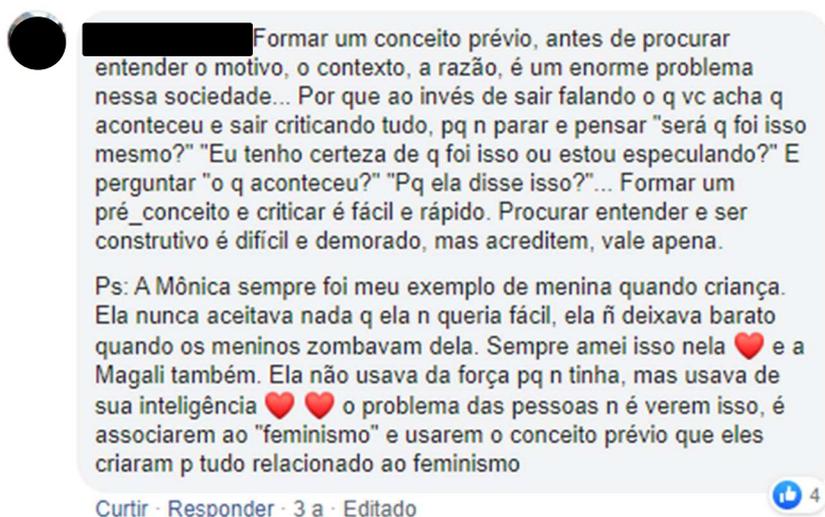
A refração, como já dito, é a construção, de acordo com o contexto sócio-histórico e as vivências dos grupos sociais, de interpretações do mundo que vivemos, sendo essas interpretações as diferentes maneiras que os grupos sociais vêem o mundo.

Nos comentários, há a atribuição do enunciado “Meu corpo, minhas regras” ao discurso de apoio ao aborto. Desse modo, os internautas entendem seu emprego como uma posição ideológica a favor do aborto, o que demonstra uma ideologia conservadora por parte deles. No entanto, como já foi apontado, esse enunciado contempla o discurso de libertação feminina e, mesmo que o aborto seja considerado pelas feministas um direito de liberdade reprodutiva da mulher, no contexto dado, a frase foi utilizada para abordar a decisão de Mônica sobre o aparelho ortodôntico.

Assim, pela perspectiva bakhtiniana, os enunciados evidenciam diferentes visões da realidade que caracterizam a concepção de refração, os internautas, pois, por meio de suas vivências e ideologias, compreenderam o enunciado de uma maneira diferente do sentido construído na história da Turma da Mônica Jovem.

Entretanto, houve também comentários positivos e de apoio à revista:

#### Figura 22- Comentário 5



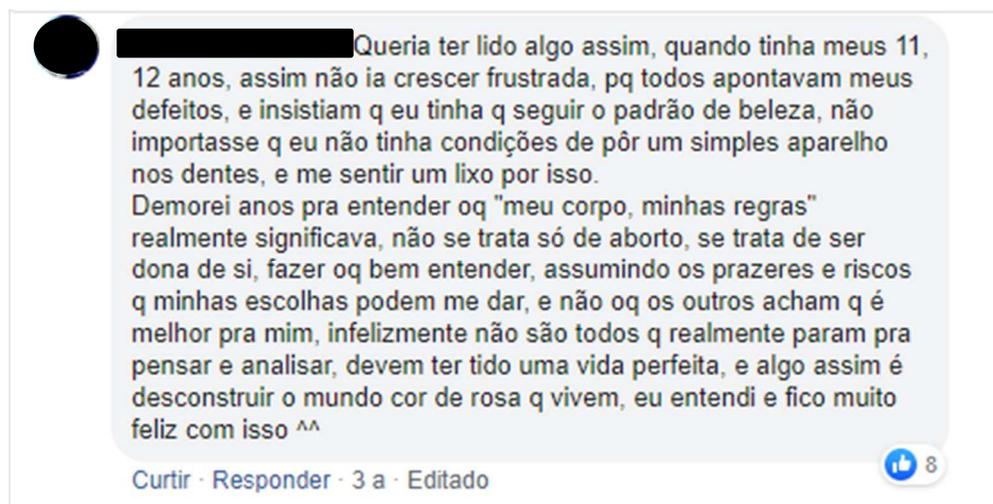
Fonte: Facebook, 2019.

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

**Figura 23-** Comentário 6



**Fonte:** Facebook, 2019.

Dessa maneira também podemos verificar a plurivocalidade do signo, visto que o sentido construído era um – da liberdade de a Mônica colocar ou não aparelho ortodôntico - e que diversos internautas atribuíram significados diferentes ao enunciado – de apologia ao aborto, já que o enunciado “Meu corpo, minhas regras” tornou-se um lema feminista. Essas refrações ocorrem, como vimos, pelas diversas axiologias, valores sociais e ideologias presentes na sociedade e que apresentam as diferentes posições de grupos sociais diversos.

## 6 Conclusão

Neste trabalho, ao analisarmos a polêmica gerada a partir de um bordão feminista veiculado na edição n. 94 da Turma da Mônica Jovem e publicado na página oficial da revista no Facebook, verificamos que a retirada de contexto abre margem para diversos significados mediante a vivência dos internautas.

Além disso, percebemos que a luta pela igualdade de gênero, mesmo que seja algo crescente, ainda causa muitas discussões, visto que Mônica, uma personagem que desde sua criação é a representação do empoderamento feminino, sofre duras críticas dos internautas sobre sua personalidade. Contudo, aqueles que entendem e apoiam as lutas pelo empoderamento feminino e pela liberdade de expressão corporal entendem e buscam explicar a importância do contexto em ocasiões como essa.

Para promover a edição 94 da Turma da Mônica Jovem e, ainda, passar a mensagem de empoderamento feminino, os administradores da página

online da revista não se preocuparam, inicialmente, em falar sobre o contexto da história, isso acontece em diferentes ocasiões, gerando também polêmicas diversas. Sempre que algo é tirado de contexto, há a inferência dos ouvintes, a partir de suas experiências.

Com isso, entendemos que a atribuição do enunciado “meu corpo, minhas regras” ao discurso de apoio ao aborto, mesmo depois da explicação do contexto, é resultado da inferência feita por Olavo de Carvalho e por outros internautas. Isso ocorre, pois existe um posicionamento valorativo referente ao bordão, ou seja, a refração de uma axiologia social. Com isso, compreendemos que as visões de mundo são construídas a partir de diferentes perspectivas.

A partir dos estudos sobre dialogismo pela perspectiva bakhtiniana, entendemos que outros discursos influenciam no objeto do enunciado. A postagem descontextualizada do bordão abriu espaço para ser questionada, avaliada, categorizada, exaltada pelo discurso do outro, uma vez que o ouvinte elabora a atitude responsiva ativa. O discurso da revista foi atravessado pelo discurso de apologia ao aborto, defendido em outras ocasiões pelas feministas.

Diante da análise feita, observamos que, atualmente, ainda existe a predominância do discurso conservador já que as críticas vão além do enunciado contextualizado. Com isso, verificamos também que mesmo que seja algo inocente, criado para jovens, pode conceber diversas interpretações, inclusive as mais polêmicas. É isso o que acontece com as mídias sociais como Facebook, Twitter e Instagram.

Sobre a constituição do gênero HQ, é possível afirmar que apresenta uma estrutura composicional em quadros com falas e diálogos dentro de balões, os quais simulam o discurso direto. Como estilo, no plano verbal, as HQ's, por apresentarem e representarem aspectos da realidade, buscam reproduzir a fala, muitas vezes, simulando o discurso informal; já no plano visual, os desenhos tentam apresentar as emoções e sensações das personagens. As temáticas das HQ's são, na maioria das vezes, voltadas para o humor, apesar de, em alguns casos, abordarem temas mais sérios.

Enfim, “Meu corpo, minhas regras” é um enunciado que, de um lado, para o discurso feminista, dá força para ser mulher e ampara os direitos do gênero, sendo expressão de liberdade corporal para a defesa do aborto ou, no discurso construído na história “Dentuça, eu?”, expõe uma decisão da personagem em colocar um aparelho ortodôntico. Em suma, ser ou não dentuça ou ser dona do próprio corpo expõe, em contextos diversos, posicionamentos ideológicos que divergem e, principalmente, evidenciam o grande diálogo em que são tecidos os discursos sociais.

## Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1895, p. 7-10 (Coleção Primeiros Passos).

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_; VOLOSHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BIROLI, Flávia. O debate sobre o aborto. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014. Cap. 8, p.123-130.

CARLOS, Giovana Santana. *Mangá: o fenômeno comunicacional no Brasil*. In.: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 10., 2009, Blumenau. Anais eletrônicos... Blumenau: UTP, 2009, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0436-1.pdf>. Acesso em: 25 de ago. 2019.

CARVALHO, Olavo de (Olavo de Carvalho). Disponível em: <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10154264930717192>. Acesso em: 16 out. 2019.

DAVIS, Rebecca. *A brief look: Will SlutWalks Work in South Africa?*: Daily Maverick, 2011. Disponível em: <https://www.dailymaverick.co.za/article/2011-08-16-a-brief-look-will-slutwalks-work-in-south-africa/>. Acesso em: 18 out. 2019.

DITIRAMBO. In: DICIO, Dicionário online de português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ditirambo/>. Acesso em: 22 out. 2019

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. *A ideologia no/do círculo de Bakhtin*. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grênissa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 167- 182. (Série Bakhtin: inclassificável; v. 3)

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006. p.18-76.

GENNARI, Ana Júlia. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2016/07/01/monica-diz-meu-corpo-minhas-regras-em-quadrinho-e-pessoas-ach\\_a\\_21690377/](https://www.huffpostbrasil.com/2016/07/01/monica-diz-meu-corpo-minhas-regras-em-quadrinho-e-pessoas-ach_a_21690377/) Acesso em: 16 out. 2019.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. *Corpo, geração e identidade: a marcha das vadias no Brasil*. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, Aug. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007>. Acesso em 05 Ago. 2019.

HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas: do feminismo ao multiculturalismo*. Tradução de Janaína Marcoantônio e Mariane Janikian. São Paulo: Ática, 2010. p. 21-25.

MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p.151-166.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 194-207.

MIOTELLO, Valdemir. *Ideologia*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p.167-176.

MULHERES precisam tomar as ruas para condenar a violência, mas não pelo direito de serem chamadas de vadias. *Medium*, 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/mulheres-precisam-tomar-as-ruas-para-condenar-a-violencia-mas-nao-pelo-direito-de-serem-chamadas-650c51697a7c>. Acesso em: 18 out. 2019.

NOMO. In: DICIO, Dicionário online de português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nomo/>. Acesso em: 22 out. 2019

PRADO, Carol. Frase gerou interpretação maldosa, diz roteirista da 'Mônica' atacada na web. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 jul. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1789748-frase-gerou-interpretacao-maldosa-diz-roteirista-da-monica-atacada-na-web.shtml>. Acesso em: 16 out. 2019

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009. (livro eletrônico)

TIRINHA da 'Turma da Mônica Jovem cria polêmica e roteirista é alvo de perseguição virtual. *Jornal Extra*, 02 jul. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/tirinha-da-turma-da-monica-jovem-cria-polemica-roteirista-alvo-de-perseguiçao-virtual-19632998.html>. Acesso em: 16 out. 2019.

TURMA DA MÔNICA JOVEM. São Paulo: Panini Brasil, n. 94, maio 2016.

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

TURMA DA MÔNICA JOVEM. Mônica Rainha, o resto nadinha. São Paulo, 18 jun. 2016. Facebook: [revistaturmadamonica jovem](https://www.facebook.com/revistaturmadamonica jovem/). Disponível em: <https://www.facebook.com/revistaturmadamonica jovem/photos/a.1256336734400649/1234095323291457/?type=3>. Acesso em: 16 out. 2019.

TURMA DA MÔNICA JOVEM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Turma\\_da\\_M%C3%B4nica\\_Jovem&oldid=56476826](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Turma_da_M%C3%B4nica_Jovem&oldid=56476826). Acesso em: 15 out. 2019.

## ANEXO A

### NOTÍCIAS SOBRE A POLÊMICA DA HISTÓRIA “DENTUÇA, EU?”

HUFFPOST BRASIL

#### MULHERES

01/07/2016 15:56 -03

**Mônica diz 'Meu corpo, minhas regras' em quadrinho e pessoas acham que roteirista estava fazendo 'apologia ao aborto'**

**By Ana Júlia Gennari**

Desde o [Dia Internacional de Luta da Mulher](#) deste ano, a Mauricio de Sousa Produções tem buscado levantar questões importantes sobre o empoderamento feminino em seus quadrinhos, com o projeto [Donas da Rua](#).

Agora, em meados de junho, a Mônica disse "[Meu corpo, minhas regras](#)" na edição nº 94 da *Turma da Mônica Jovem* e isso foi o suficiente pra fazer muita gente surtar nas redes sociais.

A frase -- publicada fora de contexto pela [página oficial da revista em quadrinhos](#) --, fez com que algumas pessoas perdessem o sono achando que a roteirista, Petra Leão, estava fazendo "apologia ao aborto".

A publicação teve uma chuva de comentários machistas e desinformados criticando tanto a frase e como a revista:

Diante de tamanha repercussão, a página fez outro post, no dia 28 de junho, **explicando o verdadeiro contexto da frase da Mônica**.

Na verdade, a personagem icônica de vestido vermelho ao lado de seu coelho Sansão disse "Meu corpo, minhas regras" para que os amigos respeitassem sua vontade de usar ou não aparelho ortodôntico.

O nome da história é *Dentuça, eu?* e gira em torno desse embate interno e externo de Mônica aceitar a si mesma como de fato é -- e ser respeitada pelos seus amigos dessa forma.

**Machismo nosso de cada dia**

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

A roteirista do quadrinho, [Petra Leão](#), não se manifestou sobre o assunto nas redes, apenas compartilhou a postagem da fanpage explicando o caso.

Porém, o assunto seguiu sendo debatido dentro do mundo nerd e na noite desta quinta (30), o também roteirista, [Marcelo Cassaro](#) levantou outro ponto que está repercutindo em alguns grupos feministas:



[Marcelo Cassaro](#)@Marcelo\_Cassaro

A roteirista @petraleao, da Turma da Mônica Jovem, tem sido hostilizada por certo número de patetas.

[77](#)

[16:19 - 29 de jun de 2016](#)

Informações e privacidade no Twitter Ads

[171 pessoas estão falando sobre isso](#)



[Marcelo Cassaro](#)@Marcelo\_Cassaro

Graças a uma citação da Mônica — malandramente tirada de contexto — na história "Dentuça, Eu?" que está nas bancas este mês.

[69](#)

[16:20 - 29 de jun de 2016](#)

Informações e privacidade no Twitter Ads

[131 pessoas estão falando sobre isso](#)



[Marcelo Cassaro](#)@Marcelo\_Cassaro

Curiosidade 1: por um erro de edição, meu nome também consta como roteirista dessa história.

Curiosidade 2: NINGUÉM veio mexer COMIGO.

[113](#)

[16:20 - 29 de jun de 2016](#)

Informações e privacidade no Twitter Ads

[166 pessoas estão falando sobre isso](#)



[Marcelo Cassaro](#)@Marcelo\_Cassaro

Tirem suas conclusões sobre a não-existência de machismo no meio nerd, ou sobre a valentia dos agressores.

[117](#)

[16:21 - 29 de jun de 2016](#)

Informações e privacidade no Twitter Ads

[136 pessoas estão falando sobre isso](#)

Esse questionamento resume muito bem a lógica [machista](#) não apenas do [mundo nerd](#), mas da sociedade como um todo que resulta em nada mais, nada menos do que na [violência contra a mulher](#), seja ela [física](#) ou [psicológica](#).

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem

## Há esperança!

Embora tanto a postagem da revista, quanto a escritora tenham sofrido inúmeros ataques de misoginia, muitas mulheres saíram em defesa da fala da personagem e se viram nela representadas, além de apoiar Petra e parabenizá-la pelo bom trabalho.

Afinal, o tempo não parou nos anos 90:

## Donas da Rua

No dia 8 de março deste ano, a Mauricio de Sousa Produções aproveitou o [Dia Internacional de Luta da Mulher](#) para lançar um novo projeto visando o empoderamento feminino: O [Donas da Rua](#).

Desde então, a proposta é que as histórias da turminha tragam, de alguma forma, ensinamentos sobre [igualdade de gênero](#).

Tomando a Mônica como exemplo, a campanha faz questão de lembrar mulheres sobre sua força, autenticidade e amor-próprio:

"Seja sua própria heroína. Lute como uma menina pelo seu espaço. POis as meninas fortes de hoje serão as mulheres incríveis de amanhã. Meninas para a frente. Afinal, somos todas #DonasdaRua"

## LEIA MAIS:

- [Machismo e 'Orgulho nerd': O que temos para comemorar?](#)
- [11 livros escritos por mulheres que vão brilhar na Flip deste ano](#)
- [#LeiaMulheres: 23 livros escritos por mulheres que você precisa ler](#)

Sugira uma correção

## Ana Júlia Gennari

02/07/16 11:52

Atualizado em 02/07/16 12:18

## ANEXO B

### JORNAL EXTRA

#### **Tirinha da ‘Turma da Mônica Jovem’ cria polêmica e roteirista é alvo de perseguição virtual**



Uma tirinha da “Turma da Mônica Jovem”, edição 94, está causando o maior rebuliço nas redes sociais e dando dor de cabeça à roteirista, Petra Leão. A profissional vem sofrendo ataques virtuais, após colocar Mônica dizendo “meu corpo, minhas regras” em uma história. Além disso, parte da tirinha foi postada fora do contexto pelo filósofo Osvaldo de Carvalho, em sua página do Facebook, para ilustrar um texto dele.

Internautas acusam a roteirista de usar um discurso pró-aborto. Até a demissão da profissional foi pedida em sua página pessoal nas redes sociais. Petra tem recebido muitas mensagens solidárias e se manifestou sobre a polêmica. “Ele (Osvaldo de Carvalho) tirou o quadrinho de contexto, realmente, mas foi no twitter, através de trolls, que meu nome foi associado a história. A partir disso, o que poderiam ser críticas a MSP (Maurício de Sousa Produções) viraram mensagens de ódio e ofensas pessoais direcionadas especificamente a mim”, disse a roteirista, em sua página no Facebook.

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história “Dentuça, eu?”, da Turma da Mônica Jovem



A história que deu origem a toda polêmica

Foto: reprodução facebook/revista da turma da mônica jovem

O mote da história, na verdade, é a galera da dentucinha mais querida do Brasil tentando convencê-la a colocar aparelho nos dentes. Mas ela se recusa, fica brava por estarem discutindo sobre sua vida e diz: “meu corpo, minhas regras” (veja tirinha acima). E isso gerou comentários violentos.



A roteirista Petra Leão: atacada  
Foto: reprodução facebook

A 'Revista da Turma da Mônica' Jovem, no Facebook, também se manifestou: “Na revista Turma da Mônica Jovem nº 94, os melhores amigos da Mônica ficam opinando se ela deve ou não usar um aparelho dentário, por uma questão estética. No entanto... essa é uma decisão que cabe única e exclusivamente à Mônica. E a sua turma entende, aceita e respeita isso. Porque gosta dela do jeito que ela é. Há mais de 50 anos, as histórias em quadrinhos da Mauricio de Sousa Produções são feitas para divertir e entreter, mas também para levantar discussões saudáveis, sempre com muito respeito a todos”.

[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história "Dentuça, eu?", da Turma da Mônica Jovem

## ANEXO C

### FOLHA DE SÃO PAULO

#### Frase gerou interpretação maldosa, diz roteirista da 'Mônica' atacada na web

Reprodução/Turma da Mônica Jovem/MSP



Trecho retirado da historinha "Dentuça, Eu?", edição 94 da Turma da Mônica Jovem

**CAROL PRADO**  
DE SÃO PAULO  
08/07/2016 13h47  
Compartilhar

Uma imagem que mostra a icônica protagonista da "Turma da Mônica" bradando um slogan do movimento feminista colocou a roteirista Petra Leão no centro de ataques machistas na internet.

"Meu corpo, minhas regras. Podem discutir e debater até cansar", diz a personagem em "Dentuça, Eu?", historinha da edição 94 da revista em quadrinhos "Turma da Mônica Jovem" —uma versão que retrata a vida dos agora adolescentes moradores do bairro do Limoeiro.

"Na internet, o painel solto, fora de contexto, gerou essa interpretação equivocada e até maldosa, por parte de alguns", diz Petra, em texto enviado à **Folha**.

"Em uma visita a qualquer banca, é fácil entender do que a história trata. A capa da revista já apresenta o tema por meio da imagem da Mônica de aparelho e o título em destaque."

Nos quadrinhos que envolvem a frase, Mônica se vê pressionada pelos amigos, que opinam se ela deve ou não colocar aparelho para corrigir seus dentinhos protuberantes —uma de suas maiores marcas. Irritada com os pitacos alheios sobre sua vida, ela decide deixar claro que a decisão cabe somente a si.

Reprodução/Turma da Mônica Jovem/MSP



[Digite texto]



**MEU CORPO, MINHAS REGRAS:** análise discursiva sobre a polêmica envolvendo a história "Dentuça, eu?", da Turma da Mônica Jovem

Trecho da historinha "Dentuça, Eu?", edição 94 da Turma da Mônica Jovem

---

Na web, a imagem isolada da frase feminista gerou mensagens de ódio e ofensas pessoais direcionadas à roteirista, acusada de propagar um discurso "abortista".

Na página da "Turma da Mônica Jovem" no Facebook, a Mauricio de Sousa Produções também ressaltou a descontextualização da frase que provocou os ataques. "Há mais de 50 anos, as histórias em quadrinhos da Mauricio de Sousa Produções são feitas para divertir e entreter, mas também para levantar discussões saudáveis, sempre com muito respeito a todos", diz a publicação.

"A ideia [da historinha] era encorajar a autoaceitação, o amor próprio e o respeito pelas decisões do próximo sobre si mesmo, independentemente de padrões de beleza, seja homem ou mulher. Nunca imaginei que ela pudesse ser interpretada de outra maneira", explicou Petra.

A roteirista, que trabalha com a "Turma da Mônica" desde 2008 —ano em que foi criada a versão jovem da revista—, lembrou ainda que o texto da historinha, assim como todos os outros que escreve, passou por análise e aprovação da Mauricio de Sousa Produções antes de ser publicado.